

# Dias inertes, noites (in)sones, melodias ao amanhecer

*Inert days, sleepless nights, melodies  
at dawn*

**João Evangelista do Nascimento Neto\***  
Universidade do Estado da Bahia  
**Ricardo Barberena\*\***  
Pontifícia Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul

\* Mestre em Literatura e Diversidade Cultural (UEFS), Doutor em Letras (PUCRS), é professor Titular da área de Literatura do DCH V – UNEB, em Santo Antônio de Jesus-BA. Atua na Graduação em Letras, Língua Espanhola e Literaturas (UNEB), no Mestrado Profissional em Letras (UNEB) e no Mestrado em Estudos Literários (UEFS). E-mail: [jeneto@uneb.br](mailto:jeneto@uneb.br).

\*\* Possui Graduação, Doutorado e Pós-Doutorado em Letras (UFRGS). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PUCRS). Coordena o GT da ANPOLL Literatura Brasileira Contemporânea. Coordena o Grupo de Pesquisa "Limiares Comparatistas e Diásporas Disciplinares: Estudo de Paisagens Identitárias na Contemporaneidade". Diretor do Instituto de Cultura da PUCRS. E-mail: [ricardobarberena@hotmail.com](mailto:ricardobarberena@hotmail.com).

NASCIMENTO NETO, João Evangelista do; BARBERENA, Ricardo A. Apresentação do dossiê temático: Escutas em noites insones: vozes dissonantes da cultura em tempos de pandemia. *Léguas & Meia*, Brasil, n. 11, v. 1, p. 5-12, 2020.

<http://dx.doi.org/10.13102/lm.v%vi%i.6199>

Esse texto de abertura do Dossiê **ESCUTAS EM NOITES INSONES: vozes dissonantes da cultura em tempos de pandemia**, construído a quatro mãos, reflete 3 períodos distintos, mas que se entrelaçam numa marcação de tempo espiralar. A primeira parte, Dias inertes, é o instante mais recente, quando estamos prestes, ao final do ano de 2020, a entrar numa segunda e avassaladora onda de pandemia. É dessa fagulha de tempo que falamos, observando o presente, mas retomando o ontem, ou o futuro, já que o tempo é relativizado e não há futuro sem o presente ou passado. Aliás, o futuro é o agora, construído com os aprendizados e falhas do que já fora outrora experienciado.

Desse presente-futuro, vislumbramos o começo do ano, as expectativas, frustrações e renovações que a humanidade experimentou ao longo de dias de dores, mortes e esperança. Estamos em uma noite que tem durado 300 dias, numa agonia que persiste em nos testar e gerar. É dessa angustiante noite, que olhamos para trás, em dois momentos recentes e de evocação, também, de distintos sentimentos. Temos, assim, 3 tempos nesse Dossiê:

O primeiro tempo é o agora, que se concebe como uma força-resistência, por meio da entrevista ao cineasta moçambicano João Ribeiro, realizada por Jean Paul d'Antony e Mírian Sumica Reis. Essa fagulha do agora é caracterizada por uma insônia que nos acomete enquanto humanidade, à espera de luz, de vida. Através da discussão da adaptação de duas obras – *O último voo do flamingo*, do moçambicano Mia Couto e *Avódezanove e o segredo do soviético*, do angolano Ondjaki, o diretor de cinema dialoga sobre as relações interartes, sobre sonhos e(m) liberdade que cinema e literatura possuem ao permitir o espectador/leitor imaginar, prever, desejar.

O segundo tempo é o ontem, representado pelos meses de março a outubro de 2020, como período de desespero, fencimento, mas também proteção e sobrevivência, sentimentos que reverberam nas entrevistas-vivências experimentadas pelo grupo de pesquisa Limiares Comparatistas e Diásporas Disciplinares: Estudo de Paisagens Identitárias na Contemporaneidade, coordenado pelo professor Ricardo Barberena. Nesse momento, há um exercício de respiração promovido pela arte, reescrevendo o sentido de sobrevivência. Os horários das reuniões do grupo simbolizam, nesse contexto, a espera pelo amanhecer, espera, essa, sustentada pela arte em suas mais diferentes configurações.

E o terceiro tempo, aqui retratado por João Evangelista Neto, é um pouco mais equidistante, cronologicamente situado em 2017, antes da chegada do vírus letal, quando se podia caminhar livremente pelas ruas, reunir-se em praças, jardins, casas e cantar a vida, sorrir a vida. Esse é o instante da alegria de Riachão, de sua música e sorriso, um tempo-espaco de liberdade e de vida; tempo a que pretendemos, guardadas as novas circunstâncias, reconfigurar. Entre cuícas, pandeiros e marcação, é outro momento, que esperamos, através do tempo cíclico anteriormente citado, retornar através de um novo amanhecer, uma nova oportunidade de vida, segunda chance à humanidade.

Propositadamente, ao construirmos esse ensaio/apresentação nesses três tempos, queremos ratificar nosso sonho de que o amanhecer virá e, com ele, melodias firmes e alegres para substituírem as notas pesadas e fúnebres que temos ouvido nos últimos meses, mas queremos, ainda, reforçar o poder da arte em tempos tão difíceis, força motriz capaz de nos manter humanos em um período de acentuada coisificação.

## 1. DIAS INERTES

*O cão lambe as feridas? Ou é já a morte, por via da chaga, que beija o cachorro na boca? [...] Somos madeira que apanhou chuva. Agora não acendemos nem damos sombra. Temos que secar à luz de um sol que ainda há. E esse sol só pode nascer dentro de nós.*

Mia Couto

*- Aprendam meninos, há dois céus: o céu azul que pertence aos nossos olhos e às asas dos aviões e dos passarinhos. E existe um céu negro que é tão grande como um deserto.*

Ondjaki

Tomada 1: Pós-guerra em Moçambique, um mistério ronda a cidade de Tizangara: soldados da tropa de paz da ONU explodem e o italiano Massimo Risi é convocado para tentar desvendar tal enigma. Para isso, conta com um tradutor da cultura local.

Tomada 2: Guerra civil em Angola, no bairro A Praia do Bispo, em Luanda, a vida é vista pelos olhos das crianças do local. A presença dos soviéticos na construção do mausoléu dos heróis da guerra pela independência, as histórias da Avó Agnette, o segredo russo, tudo isso é narrado com humor e imaginação infantis.

Nos dois exemplos anteriormente citados, há a forte presença do realismo mágico que, juntamente com uma experimentação linguística, criam narrativas fantásticas verossímeis ao tempo-espaço ao qual se referem. Naquele contexto, para aquelas pessoas, todos os elementos extrassensoriais estão integrados à sua realidade cotidiana. É esse o desafio dos filmes de João Ribeiro: adaptar tais textos tão ricos de imagens e significações múltiplas para as telas do cinema.

Assim como o personagem da obra coutiana, Ribeiro também é um tradutor de culturas, adaptador de linguagens. É sua função, ainda, transpor o olhar das crianças do texto de Ondjaki para o roteiro fílmico. São formas de ver a guerra e ressignificar a vida. Maneiras de visibilizar culturas e transmutar a palavra em seu estado mais metafórico.

A essas duas tomadas, podemos acrescentar mais uma:

Tomada 3: O mundo é acometido por um vírus letal que dizima milhares de pessoas. Os seres humanos iniciam uma guerra pela sobrevivência, que consiste em grandes restrições de locomoção, uso de máscaras e busca incessante por vacinas.

Essa terceira tomada poderia fazer parte de uma obra fílmica de ficção científica que nos acostumamos a ver nos anos 1980, mas se assim o for, estamos rodando a película nesse exato momento, cujo roteiro parece estar em constante alteração. Embora os dias pareçam inertes para grande parte da população mundial, para João Ribeiro, esse é um momento de produção. Essa é sua forma de lutar, escrevendo um script que foge da estagnação e do temor. Sua arma é a câmera, a ideia, o som, a imagem... a arte. Nesses tempos de inércia, a arte continua a indicar caminhos à humanidade, é uma possibilidade de ação, de respiro e de renovação de forças.

## 2. NOITES (IN)SONES

*Quando o sol se levanta no peito do céu, os xapiri dormem. Quando voltar a descer, à tarde, para eles o alvorecer se anuncia e eles acordam. Nossa noite é seu dia. De modo que, quando dormimos, os espíritos, despertos, brincam e dançam na floresta. Assim é. São muitos mesmo, pois não morrem nunca. Por isso nos chamam “pequena gente fantasma” – e nos dizem: “Vocês são fantasmas estrangeiros porque são mortais!”. Assim é. Em seus olhares, já somos fantasmas, porque ao contrário deles, somos fracos e morreremos com facilidade.*

Davi Koppenawa

*Só me deixa respirar!*  
João Alberto Silveira Freitas

2020. Um ano inimaginável, obtuso, ignóbil, abjeto, misterioso, insólito, caótico, bagunçado, confuso, catastrófico, apocalítico, catártico, misterioso, enfadonho, azucrinante, impertinente, fastidioso, fáustico, fatídico. Um tempo estranho. Chegamos a mais de 200 mil mortos no Brasil, mas, apesar da UTIs lotadas, persiste o negacionismo terraplanista e a politização da saúde. Na Inglaterra, William Shakespeare acaba de receber a segunda vacina do COVID. Após a retirada da agulha do seu braço, o senhor brincou com os repórteres: “muito barulho por nada”. Ainda ecoam em nossa lembrança recente cenas que traduzem esse inominável ano: enquanto o Pantanal e Amazônia ardem em chamas, o presidente brasileiro espanta uma ema ao mostrar uma caixa de cloroquina. Ou: após a morte de um negro por espancamento e sufocamento num supermercado de Porto Alegre, o vice-presidente afirma que não existe racismo no Brasil. Ou: recebemos uma nova definição de Cultura cunhada por Regina Duarte ao assumir a pasta de secretária especial da cultura: “a cultura é aquele pum produzido com talco espirrando do traseiro do palhaço”.

Com a disseminação de uma pandemia do anti-intelectualismo e a cruzada em prol do ocaso das humanidades, estamos ameaçados por um projeto de extermínio da ciência e da cultura. Os *inputs* negativos conspiram para a depressão e abandono dos nossos projetos universitários. Então, frente todo esse cenário de trevas, como permanecer mobilizando um Grupo de Pesquisa? Onde encontrar estímulos para seguir pesquisando? Como achar forças para não sucumbir ao poder boçal, machista, racista, classista? Qual a saída diante do achincalhamento diário do conhecimento e das artes? Todas essas perguntas repercutiam na minha cabeça quando resolvi ser necessário retomar as reuniões semanais do grupo de pesquisadores de graduação e pós-graduação da PUCRS. Mas com a Universidade fechada, devido à bandeira vermelha de contaminação, estamos há dez meses em *home office*. Aqui cabe um adendo importante quanto à pele da linguagem que muitas vezes encobre uma corporeidade de feridas e cicatrizes. Explico: o termo “home office” (com oceânicas aspas) serviu para fetichizar uma rotina de angústias e limitações domésticas em muitos quadrantes. O habitar a casa se converteu também num sítio sísifo de opressão, violência, solidão e privação. Muitas pesquisas apontam para o aumento dos índices de feminicídio e de extermínio da esperança (a depressão). Num país absurdamente desigual, ficou ainda mais evidente também que o acesso à internet é territorializado por regiões da cidade. Enfim, resumidamente, esse era o panorama de 2020.

Em tempos extremos, resolvi mudar tudo nas nossas reuniões.

### Os dias e horários dos encontros

Um dia delicado para as pressões da nossa psique é o final de semana. Dessa forma, passamos a iniciar nossos debates nas sextas-feiras às vinte e uma horas e terminá-los no sábado as duas da manhã. Sim, isso mesmo. A cada reunião havia uma frase repetida como uma forma de identificação da nosso *conviver juntos*: “esse é o único Grupo do CNPq que começa num dia e termina no outro”. Aos poucos, numa intensa troca de afetos, cada reunião foi se metaforizando num espaço de partilhas e ternuras nas noites insones da pandemia. A frase final de muitas discussões era um “Boa noite, vou dormir”.

Vivemos, no silêncio das madrugadas, uma espécie de comunidade movida pela rebeldia aos crimes consumados à luz do dia. Foi algo único na minha caminhada de pesquisador. Não consigo mais acreditar em nenhuma epistemologização estéril que não desloque nossos desejos e pulsões. Noite adentro, muitos encontros ainda se estendiam no Grupo de WhatsApp numa forma de companhia para as cintilações e questionamentos emergentes. Ou seja: as antigas reuniões numa mesa universitária haviam cedido lugar para uma forma de sobreviver coletivamente aos demônios da madrugada.

### O zoom – as salas, os cigarros, a água

Frente à impossibilidade dos encontros presenciais, recorri a plataforma *zoom* para não parar nossos intercâmbios de *saberes e sobreviveres*. Num radical paroxismo, a distância nos aproximou. Cada um entrou na casa do outro. Como pontes invisíveis e inevitáveis, entrei no quarto, na sala, na cozinha dos integrantes do Grupo. E eles, por sua vez, ficaram muito íntimos do meu universo privado: a iluminação do quadro de John Coltrane, o piano com dois abajures, as prateleiras de livros, Nina Simone, a parede de tijolos. Existe um *pathos* da distância entre professor/aluno nas nossas convenções universitárias. No entanto, como fica essa barreira quando tenho meu espaço doméstico revelado: meu filho pequeno “invade” nossas reuniões e sons da minha família “vazam” pelo microfone. Talvez seja toda essa prosaica mundanidade que mais nos aproxime. Afinal, reunião após reunião, madrugada após madrugada, nos permitimos abandonar certos *scripts* academicistas presentes nos simpósios, congressos, coquetéis de encerramento, bancas de seleção. Por falar em permissão (ou seria libertação), incorporo na minha rotina das reuniões alguns *puritos* (charutinhos de fumo) e doses de uísque. Não sou um fumante convicto, nem um grande conhecedor de destilados. Entretanto, talvez como uma força ritualística e celebratória, a fumaça e o álcool eram, pra mim, uma espécie de reza por estarmos vivos – apesar de tudo, estamos debatendo literatura dentro da noite veloz. Talvez tenhamos buscado, cada um com esses respectivos copos, algo que para os yanomamis a ingestão do *yãkoana* aproxima os xamãs dos *xapiris* (espíritos). Claro que aqui não se trata de uma defesa do alcoolismo como motor do pensamento. Por mais curioso que possa parecer, a *tecnologia zoonística* nos levou a um tempo/espaço bacântico *zoomítico*. No templo/janela dessa *zoomítica*, cada um é dono do que bebe, do que fuma, do que veste, do que comentar (comentários paralelos via WhatsApp, de quando desliga a câmera para chorar, de quando oculta a imagem para rir). Mas nesse simulacro *zoonístico* falta algo que nunca será calado: o poder transformador da

proximidade entre as vozes. A vibração de um ser que se depara diante outro ser – o cheiro, o gosto, o pulsar, o humano.

### **As convidadas/convidados nas noites insones**

Na história do Grupo de Pesquisa, lemos muitos escritores, críticos e teóricos e após estabelecer o cronograma, seguíamos o programa estabelecido no começo do ano. Assim o ritmo sincopado da pesquisa seguia o seu caminho. No entanto, no tenebroso 2020, tudo mudou. Abolimos o cronograma de leituras para experimentar uma nova poética da hospitalidade e do encontro: a cada sexta-feira, havia um convidado, na sua *janelinha-de-zoom*, que passava até três cinco horas conosco.

Esse visitante se embrenhava na madrugada sem perceber que horas iria acabar aquela intensa troca de vivências. Aquelas bizarras plaquinhas das mesas-redondas (“Atenção, faltam cinco muitos!” “Favor concluir!”) haviam sido substituídas por um tempo circular no qual é impossível prever o fim e o começo. Como esquecer as apaixonadas e intensas reflexões políticas de Miguel Jost? Como não se impactar com a timidez efusiva das palavras de Monique Prada? Como não se fascinar com força esperantíca de Euleax? Como não se reinventar depois de ouvir o pensamento revolucionário de Amara Moira? Como não se emocionar com o testemunho de resistência de Tônio Caetano? Como não se desalojar diante da discussão feminista de Clara Corleone? Como não vibrar com a caminhada de Jefferson Tenório? Como não se revoltar junto com Cidinha da Silva? Como não pensar nos inquietantes questionamentos de Anderson da Mata? Como não se desestabilizar frente às provocações de Ricardo Lísias?

Luz da noite. As palavras e os olhares dos convidados compuseram uma legião clandestina. Foram também momentos de diversão para além da ineptidão e da baixeza dos noticiários. Em tempos coléricos de fascismo, é preciso construir escudos de proteção do *querer-viver* e do *querer-transformar*. Os alimentos afetivos são urgentes frente à tétrica vulgarização da vida. Apesar das rinhas covardes e obscurantistas, as humanidades permanecem como um coração selvagem que se nega à dominação da necropolítica.

### **Dez entrevistas – um dossiê sobre a arte do encontro**

Um querido ex-orientando sempre insistia que eu deveria ler *A Verdade Tropical*, de Caetano Veloso. Num veraneio na praia, com meu segundo filho recém-nascido, li o livro. Adorei cada página. Entre tantas passagens, algumas cenas me chamaram a atenção. Tratava-se do relato do Caetano sobre as longas noites de conversas com seus contemporâneos: o grupo reunia-se com o propósito de discutir ideias até o amanhecer. A partir desse relato, desenvolvi uma “teoria de boteco” sobre a fragilidade dos laços humanos na atualidade. Em tempos de conectividade, estaríamos, paradoxalmente, desconectados da principal faculdade do devir humano: o diálogo. Dito de outra forma: estaríamos passando por uma decadência da conversa? Trocamos noventa mensagens diárias de WhatsApp, comentados nas redes sociais, curtimos (muitos dedinhos pra cima), compartilhamos caminhões de imagens, batemos muitas palminhas nos chats. Mas onde foi parar a poética da escuta?

Pois, então, sinto-me muito feliz que as noites insones do Grupo acabaram nos colocando numa *condição de conversa*. Era preciso deixar registrado esse encontro de vozes: das noites de diálogos nascem as entrevistas no Dossiê. De uma conversa *via-zoom* surge uma conversa *via-texto*. Mesmo num período de tentativa de silenciamento,

homenageamos o que nos identifica como seres capazes de amar o Outro: o diálogo. Há poucas semanas, o presidente (sic) do Brasil praticamente declarou guerra contra os Estados Unidos. O líder do “país de maricas”, do alto do seu histórico de atleta, bradou: “quando acabar a saliva, tem que ter pólvora!”. Pensei muito nessa frase. Será que até mesmo alguém que afirma o já notório “e daí?” frente às milhares de vidas ceifadas reconhece o poder transformador da conversa? Afinal, a saliva é a arma de partida e a pólvora é o desespero de chegada.

E assim foram nossas noites – matando nossa sede na própria saliva. Uma sede de estar juntos, de ouvir o Outro, de partilhar esperanças, de exorcizar angústias. Vencemos os terríveis desafios de 2020. Tivemos êxito numa luta desigual. Através do amor, transformamos o tédio em melodia. Durante semanas, adentramos no silêncio da noite. Quando acabavam as reuniões do Grupo de Pesquisa, íamos dormir. E naquelas noites não tínhamos insônia.

### 3. MELODIAS AO AMANHECER

*Para mim, não tem tristeza. Mesmo uma música  
sendo triste, eu estou cantando com o coração alegre.  
Riachão*

*Tudo é música, o ritmo é samba [...]  
Todo mundo é gente, mas um é grande outro é  
pequeno.*

*Riachão*

Por entre breques, chulas e balanços, nasce o samba e, com ele, a alvorada que prenuncia um novo dia. Esse dia é o momento das possibilidades. Nada é certo, mas esperar é uma forma de viver; esperar é o ato de renovação da vida; esperar é a contribuição para o crescimento e a mudança. Essa transformação possível alimenta-se cotidianamente de um amanhecer de alma. Eis o significado dessa luz que invade os olhos e mente para, em seguida, chegar ao coração e tomar todo o corpo. Essa aurora é o samba, e tem muito mais relação com este do que com os diferentes espaços do dia. Pode-se alvorecer pela manhã, no fim da tarde ou na mais alta noite.

Não há como ser indiferente ao samba. Sua gênese remonta aos instantes de alegria de uma população marginalizada, discriminada, esquecida. Por isso, esse momento não se dissocia entre mente, corpo, voz e alma. O samba exige plenitude, completude. Só se samba com a unicidade de todos os elementos que compõem o ser humano. Esse jogo performático é visível no telecoteco do ritmo, na jinga do corpo, na alegria do rosto, na força da voz.

É esse encontro de ritmo, som e corpo que eu observo em Riachão. Eu conheci Riachão, quando conheci o samba, os dois sempre se materializaram como sinônimos de felicidade, de diversão. Sempre que via, na televisão, o cantor e compositor, isso me remetia à infância e sua mais intensa brincadeira, seu humor genuíno e vivência do momento.

Riachão é a mais perfeita tradução do instante: uma fagulha de alegria invadia a casa da gente, adentrava a roda de samba quando se puxava uma música sua. Era necessário, pois, viver o momento, importava ser feliz agora. Não há nada mais infantil que isso; a alma infante de Riachão, que se negou a envelhecer, manteve-o jovem, também, por 98 anos. Ao fazê-lo, também nos remoçou. Assim, Riachão renovou seu público, agregou admiradores ao longo de suas décadas de trabalho-diversão, de sambalegria.

Em 2017, quando recebi o convite, feito por Lise Arruda e viabilizado por Jacson Barbosa, para entrevistar Riachão, um ritmo começou a tocar dentro de mim. Era um samba daqueles que partem da alma e bolem o corpo, tocam no corpo, e fazem a gente requebrar de alegria.

Há quem diga que o samba surgiu em 1860 entre negros escravizados da Bahia. Assim, em 2020, completa 160 anos. Nesse tempo, Riachão contribuiu, alimentou e fortaleceu o samba por quase 90 anos de anos. Sempre apumado, roupa engomada, pulseiras e cordões como ornamento, evidenciava para seu público o respeito por ele e por sua arte.

O sambista viveu grande parte da vida no Garcia. Bata caminhar pelas ruas do bairro popular para compreender de onde Riachão retirava suas inspirações: o samba de Riachão é um retrato da Bahia, o cotidiano das pessoas comuns pelo olhar da arte, da música. Transpor essa ‘simplicidade’, transformando-a em letras, em ritmo é um exercício engenhoso. Mais ainda é parecer algo fácil, como o autor/intérprete o fez.

As músicas de Riachão são cheias de vida, porque são fagulhas da vida dele mesmo e do seu mundo. Ouvir, cantar e dançar suas composições é reviver um cotidiano de todos nós e a prova de que há poesia nesse cotidiano, há arte nas/das coisas simples e é possível cantar essa vida.

Juntamente com Lise e Jacson, sobrinho do cantor, a entrevista foi transformada por Riachão em um bate-papo descontraído, um espetáculo de música, um momento de riso e de lembranças. Riachão cantou diversas músicas, lembrou o passado, o ontem, falou de planos futuros, riu, gargalhou, teve saudade, um misto de sentimentos naquele fim de tarde de quarta-feira, 21 de junho de 2017, quando já respirávamos os ares das festas juninas. E quem é do Recôncavo Baiano sabe como o samba de roda está presente nesses festejos.

Falecido em 30 de março de 2020, o ziriguidum de Riachão não morre, continua passeando por aqui, entrando em rodas, vadiando, sorrindo, quebrando as cadeiras e fazendo o povo feliz. Riachão é um ser solar, ao vê-lo, ao ouvi-lo, o dia se abre. Sua música traz melodias de alegria e de renovação. Com ela, por seu samba, aguardamos o amanhecer sem máscaras, sem mortes em série. É pelas composições e pelo espírito do sambista, que aguardamos ansiosos pela vacina contra a pandemia da covid-19, mas também a cura para a desigualdade, a injustiça, o preconceito, o desamor.

\*\*\*

Dias, noites, amanhecer... três espaços temporais, instantes, fagulhas. Podem simbolizar as diferenças de humor humano, ou suas relações sociais ou a interação do ser humano com a natureza. Dias, noites, amanhecer podem ser estágios da vida, desde o seu nascimento até o fim, e, nesse intermédio, todas as ações humanas, omissões, produções.

2020 foi o ano em que discutimos sobre-a-vivência, ao lado de tantos corpos que foram caindo ao nosso lado, pessoas que soltaram (ou que lhe soltamos) nossas mãos. Mas continuamos aqui, mesmo em meio às perdas, ou ao que parece ser uma noite sem fim, insistimos em nos manter vivos e expressamos isso através da arte: música, cinema, literatura.

Nossas vozes se unem a tantas outras vozes, pensamentos, culturas tão singulares, mas unidas no desejo uno da permanência. Esse dossiê traz, pois, tão-somente, algumas formas de evidenciar isso.